

OS 'ANJOS DA GUARDA' DOS INVESTIDORES

O aparecimento de 'business angels' pode ser a novidade do ano no capital de risco orientando a gestão e abrindo redes de contactos.

GILDA SOUSA
gsousa@economicasgps.com

Em Janeiro, a British Airways deixa de ter um director-geral em Portugal. A

maior transportadora aérea europeia vai centralizar o comando das operações ibéricas em Madrid. O gestor português, há mais de uma década ao serviço da companhia, tem 50 anos e ficou na pré-reforma. A identidade do gestor em causa não é relevante. O que interessa aqui é que se trata de uma situação cada vez mais frequente em Portugal.

Há multinacionais a reduzir presença, ou até a sair, deixando para trás quadros bem preparados. Há empresas cujos fundadores se aproximam da reforma e estão dispostos a passar o património à próxima geração ou a vender, seja a terceiros ou aos gestores, como provam as transacções da Fisipe e da Compal, ambas desinvestimentos dos dois ramos da família Mello. A intensificarem-se, estas tendências podem introduzir alguma novidade no mercado de capital de risco ao longo deste ano.

A maior surpresa será o aparecimento de 'business angels', antecipam Francisco Banha, accionista da sociedade angariadora de capital de risco Gesventure, e João Vicente Ribeiro, presidente da capital de risco pública PME Investimentos. Muito ligados ao financiamento de projectos empresariais na fase de arranque ('start-ups') e às iniciativas de fomento do empreendedorismo – 'venture capital' –, os dois gestores entendem que 2006 será o ano de afirmação destes investidores privados, figuras quase inexistentes no sector em Portugal, mas de importância decisiva no sucesso de projectos jovens, já que além do capital funcionam como uma espécie de "anjos da guarda", orientando a gestão e abrindo redes de contactos. Alguns dos quadros envolvidas nas movimentações como as referidas vão assumir este papel de 'business angels', esperam os dois especialistas.

As expectativas em relação aos gestores já a meio da carreira estendem-se às operações de 'MBO' e 'MBI' (management buy out ou buy in). O número de gestores a passar a empresários vai aumentar. Não há previsões, mas essa é uma expectativa partilhada pelos operadores de 'private equity', vocacionados para operações de maior peso e em empresas maduras. João Arantes e Oliveira, da ES Capital, José Gonzaga Rosa, consultor da Ernst & Young ou Rodrigo Guimarães do fundo Explorer têm vindo a defender o potencial de negócio gerado pelo previsível incremento dos movi-

mentos de reestruturação empresarial, mudança de gerações ou internacionalização.

Um potencial que não se fez sentir nos últimos anos. O peso dos 'buyouts' (aquisições) no conjunto da produção do sector tem vindo a cair desde 1999, representando apenas 3% dos montantes investidos pelo conjunto dos operadores no primeiro semestre de 2005. Uma eventual subida das taxas de juro ao longo deste ano pode vir a alterar ligeiramente esta situação, ao reduzir a competitividade do crédito bancário, fonte de financiamento a que os empresários continuam a recorrer com mais à vontade do que ao capital de risco.

Domínio do sector público pode aumentar apesar do Plano Tecnológico

No sector é igualmente frequente ouvir acusações à concorrência protagonizada pelos operadores públicos. A anunciada reorganização do capital de risco público deverá vir acompanhada de medidas de fomento do sector privado, com benefícios fiscais para 'business angels', 'corporate venture', alteração dos limites máximos de investimento neste tipo de activos por parte dos investidores institucionais, como fundos de pensões, ou seguradoras. Mas nenhuma destas orientações propostas pela equipa do Plano Tecnológico deverá ter efeitos práticos este ano, de modo a atenuar a dependência da actividade do sector público. Pelo contrário, é até de prever o reforço da dinâmica dos operadores públicos, até porque este é o último ano do Quadro Comunitário de Apoio (QCA III) e aumenta a pressão para executar os fundos. Por outro lado, há a vontade política de apoiar a inovação e a criação de empresas, consagrada na Agenda de Lisboa. ■

'BUSINESS ANGELS'

São estes investidores que vão abrir as redes de contacto e financiar o arranque de projectos empresariais.



JOÃO PAULO DIAS



O número de gestores que vão passar a empresários deverá aumentar.